

revistafidelidade@terra.com.br • ano 4 • janeiro/2006 • nº 40 • R\$5,00

Revista **Fidelidade** **ESPÍRITA**



*Crianças  
e suas  
Vidas Passadas*

A  
Revista que  
se **Responsabiliza**  
**Doutrinariamente**  
pelos Textos Publicados

### 4 HISTÓRIA

#### UM POVO REDESCOBERTO. QUEM ERAM OS HETEUS?

Conheça esse povo antigo que deixou heranças para a humanidade

### 8 REFLEXÃO

#### SALVO DO SUICÍDIO

Importante interferência do espírito de Yvonne do Amaral Pereira

## 14 CAPA

#### CRIANÇAS E SUAS VIDAS PASSADAS

Elas conseguem, com certa facilidade, recordar-se de suas vidas pretéritas

### 22 CHICO XAVIER

#### ÁGUA FLUIDIFICADA

E o auxílio sempre chega

### 24 APRENDIZADO

#### PALAVRAS DE LUZ

Tenhamos paciência e fé em nossa caminhada rumo à libertação

### 26 ALERTA

#### INFLUÊNCIAS ESTRANHAS

As tentações de encarnados e desencarnados

### 27 COM TODAS AS LETRAS

#### NÃO SEJA A BOLA DA VEZ

Importantes dicas da nossa língua portuguesa





## Edição

Centro de Estudos Espíritas  
"Nosso Lar" – Depto. Editorial

## Equipe Editorial

Adriana Levantesi  
Leandro Camargo  
Rafael Dimarzio  
Rodrigo Lobo  
Sandro Cosso  
Thais Cândida  
Zilda Nascimento

## Jornalista Responsável

Renata Levantesi (Mtb 28.765)

## Editoração

Fernanda Berquó Spina  
Rafael Augusto D. Rossi

## Revisão

Equipe FidelidadEspírita

## Administração e Comércio

Elizabeth Cristina S. Silva

## Apoio Cultural

Braga Produtos Adesivos

## Impressão

Citygráfica

O Centro de Estudos Espíritas  
"Nosso Lar" responsabiliza-se  
doutrinariamente pelos artigos  
publicados nesta revista.

# Necessidade da Encarnação



É um castigo a encarnação e somente os Espíritos culpados estão sujeitos a sofrê-la?

A passagem dos Espíritos pela vida corporal é necessária para que eles possam cumprir, por meio de uma ação material, os desígnios cuja execução Deus lhes confia. É-lhes necessária, a bem deles, visto que a atividade que são obrigados a exercer lhes auxilia o desenvolvimento da inteligência. Sendo soberanamente justo, Deus tem de distribuir tudo igualmente por todos os seus filhos; assim é que estabeleceu para todos o mesmo ponto de partida, a mesma aptidão, as mesmas obrigações a cumprir e a mesma liberdade de proceder. Qualquer privilégio seria uma preferência, uma injustiça. Mas, a encarnação, para todos os Espíritos, é apenas um estado transitório. É uma tarefa que Deus lhes impõe, quando iniciam a vida, como primeira experiência do uso que farão do livre-arbítrio. Os que desempenham com zelo essa tarefa transpõem rapidamente e menos penosamente os primeiros graus da iniciação e mais cedo gozam do fruto de seus labores. Os que, ao contrário, usam mal da liberdade que Deus lhes concede retardam a sua marcha e, tal seja a obstinação que demonstrem, podem prolongar indefinidamente a necessidade da reencarnação e é quando se torna um castigo.

S. Luís (Paris, 1859)

*O Evangelho Segundo o Espiritismo cap. IV item 25.*

**FALE CONOSCO**

revistafidelidade@terra.com.br (19) 3233-5596

## Assinaturas

Assinatura anual: R\$45,00  
(Exterior: US\$50,00)

Centro de Estudos Espíritas "Nosso Lar"

Rua Luís Silvério, 120 – Vila Marieta 13042-010 Campinas/SP  
CNPJ: 01.990.042/0001-80 Inscr. Estadual: 244.933.991.112

# Um Povo Redescoberto

## Quem eram os heteus?

por Alan Millard

**V**ede, o rei de Israel alugou os reis dos heteus e os reis dos egípcios, para virem contra nós!"

Essa suspeita foi suficiente para provocar pânico no exército de Damasco. Os soldados fugiram, subitamente libertando Samaria de um cerco que deixara os habitantes à míngua (a história é contada em 2Reis 7).

Os antigos egípcios deixaram uma marca por demais profunda na humanidade que jamais será esquecida. Mas quem eram os heteus? Até um século atrás, ninguém poderia responder a essa pergunta. Os heteus, se é que existiram um dia, desapareceram junto com os heveus, os ferezeus, girgaseus e outros povos mencionados no Antigo Testamento.

No entanto, embora os heteus sejam muitas vezes mencionados simplesmente como uma das muitas nações que ocupavam Canaã, nações que os israelitas destruiriam na conquista da Terra Prometida, o episódio mencionado acima e mais outro, em que Salomão exportava cavalos "a todos os reis dos heteus e aos reis da Síria", fazem crer que eram muito importantes.

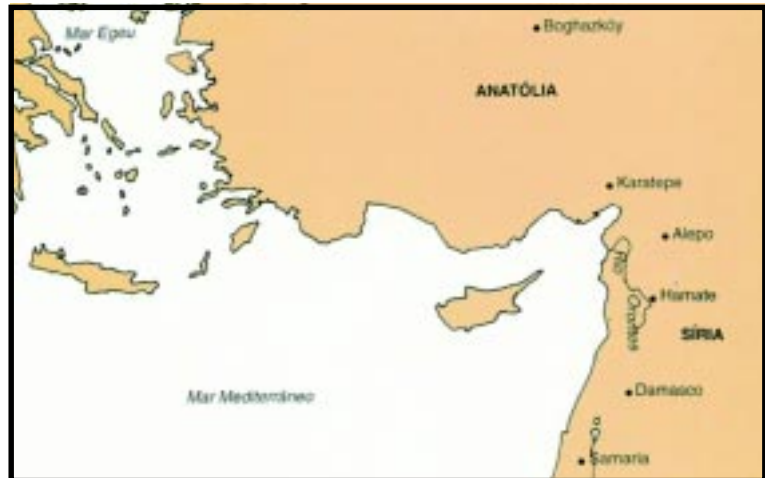
Contudo, como eram desconhecidos e muitas vezes classificados ao

lado de outros grupos desconhecidos, alguns comentaristas acreditam que deve ter havido um erro: pelo menos em 2Reis 7 o historiador bíblico queria dizer "assírios".

Em 1876, porém, começou a redescoberta dos heteus, pelo trabalho de A. H. Sayce. Especialista inglês, Sayce passou boa parte da vida viajando pelo Egito e pelo Oriente Próximo; montou sua base num barco-casa no Nilo, mas voltava a Oxford toda primavera para dar as aulas que seu cargo exigia. Sayce percebeu que a escrita pictográfica em blocos de pedra reutilizados em construções medievais em Hamate e em Alepo, na Síria, era a mesma escrita esculpida em rochas na Turquia. Em 1876, ele associou essas escritas aos heteus do Antigo Testamento e aos "khetas" mencionados nos textos egípcios.

As referências egípcias não deixavam dúvida de que os khetas eram uma "grande potência"; um dos seus reis fez um acordo com faraó Ramessés II em condição de igualdade. Os exploradores que vagavam pela Anatólia então começaram a prestar mais atenção a essas inscrições de pedras e às ruínas de antigas cidades espalhadas pelo planalto turco.

A maior de todas as ruínas era um local chamado Boghazköy, cerca de 160 quilômetros a leste de Ancara. Gente do local vendia pedaços de tabuinhas de argila que encontrava a turistas estrangeiros. A escrita nas tabuinhas era babilônica, mas a língua não. Duas outras tabuinhas na mesma língua foram descobertas no Egito de 1887, com letras babilônicas, até mesmo uma de um rei heteu. Mas durante



alguns anos a língua desafiou os estudiosos.

Boghazköy era o lugar óbvio para descobrir mais sobre os heteus. Em 1906, uma expedição alemã, liderada por H. Winckler, começou a escavar as ruínas. O sucesso foi imediato. Nas ruínas incineradas de um conjunto de despensas havia mais de dez mil pedaços de tabuinhas cuneiformes, bem endurecidas pelo fogo. Extraordinariamente, um dos documentos revelou-se uma versão babilônica do tratado entre Ramessés II e o rei heteu. Esse e outros textos babilônicos provaram que Boghazköy era a capital de um reino poderoso. Seu nome antigo era Hatusas.

Das tabuinhas babilônicas surgiu rapidamente um esboço de sua história e os nomes de seus reis

do período de 1400 a 1200 a.C. os escribas heteus usavam essa língua para documentos do governo e correspondência internacional. Eram homens capazes, alguns de-

Menos de dez anos depois da descoberta de Winckler, o estudo das tabuinhas levou um especialista tcheco, Bedrich Hrozný, a publicar suas conclusões de que a lín-

## O hitita ocupa hoje lugar central no estudo das línguas indo-européias

les exímios tradutores. Além do babilônio, seis outras línguas estão representadas nos textos cuneiformes. A mais importante é a que hoje se chama hitita, escrita ao lado do acadiano em documentos do governo e usada largamente para registros religiosos e administrativos.

gua hitita é parente do grego, do latim, do francês, do alemão e do inglês, membro portanto da família indo-européia de idiomas. Outro estudioso havia chegado à mesma conclusão, alguns anos antes, a respeito das duas tabuinhas do Egito. Ninguém crera nele, e as pessoas relutavam em acreditar em Hrozný, ▶



*Leões de pedra, com cerca de 3500 anos, guardam o portão da antiga capital hetéia, Hatusas, perto de Boghazköy, na Turquia*

## HISTÓRIA

mas novas pesquisas provaram que ele estava certo. O hitita ocupa hoje lugar central no estudo das línguas indo-européias e da história do povo que falava esse idioma.

As outras línguas usadas nas tabuinhas de Boghazköy eram um idioma falado pelos habitantes pré-heteus, dois semelhantes ao hitita (um deles, o luvida, usado bem largamente) e o hurrita, corrente na

radados na área da cidade. O maior (64 por 42 metros) era cercado por fileiras de despensas, sem dúvida para guardar as oferendas levadas ao deus. Organização considerável era necessária para manter os templos, e os textos dão detalhes dos ritos e cerimônias que os sacerdotes executavam, alguns com a participação do rei. Faziam-se celebrações longas e elaboradas para con-

## Em se tratando de variedade de conteúdo e línguas, as tabuinhas de Boghazköy são inigualáveis

Turquia oriental e no norte da Mesopotâmia. Os falantes do hurrita desempenharam papel importante no reino heteu. Poucas expressões é tudo o que resta de uma sétima língua, ligada ao sânscrito.

Em se tratando de variedade de conteúdo e línguas, as tabuinhas de Boghazköy são inigualáveis. Outras descobertas feitas na cidade revelam de vários modos a cultura e a habilidade dos heteus. (As escavações de Winckler estenderam-se de 1906 a 1912; foram retomadas por K. Bittel em 1931, interrompidas em 1939, e têm continuado desde 1952).

A cidade de Hatusas ocupava mais de 120 hectares. A cidade era cercada por uma robusta muralha de pedras e tijolos, e entre os textos dos arquivos encontram-se instruções para as sentinelas. No flanco leste vê-se uma rocha alta, que era a cidadela fortificada.

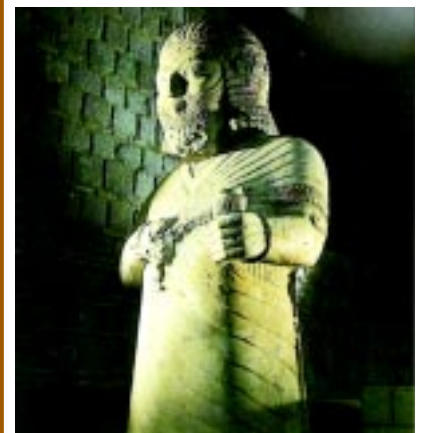
Cinco templos foram desenter-

sagrar um novo templo ou purificar as pessoas do pecado.

É comum entre os estudiosos do Antigo Testamento afirmar que as leis hebréias de Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio são "avançadas" demais ou complicadas demais para data tão primitiva quanto o tempo de Moisés, não posterior a 1250 a.C., mas os textos de Boghazköy, e outros do Egito e de recentes escavações francesas em Emar, às margens do Eufrates, contestam claramente esse conceito: as cerimônias que a lei de Israel prescreve não estão deslocadas no mundo do final do segundo milênio.

Ao lado do portão da cidade havia leões esculpidos em pedra, figuras mágicas para manter afastados os inimigos. Num estreito desfiladeiro perto dali, ergueu-se um santuário para os deuses e deusas cujas imagens estão esculpidas no paredão rochoso. Outros relevos em rocha e esculturas de pedra ▶

*Até o final do século XIX nada se sabia dos heteus fora da Bíblia. Sua redescoberta foi uma das proezas mais notáveis da arqueologia. Essa estátua, do século VIII a.C., é um dos últimos reis heteus*







*Nessa escultura em relevo do século VIII a.C., encontrada no centro heteu de Carquemis, aparece um príncipe ainda bebê nos braços da ama; ao lado vê-se uma cabra, que talvez lhe fornecesse leite. A inscrição hieroglífica hetéia dá o nome e o título do príncipe*

proclamam o controle heteu sobre várias partes da Anatólia.

Os heteus ampliaram seu poder a partir de cerca de 1750 a.C. De cerca de 1380 a 1200 a.C., o sobe-

textos correspondentes muito mais longos, em hitita e em fenício, num local chamado Karatepe, deu base sólida à compreensão dos hieróglifos.

## O Novo Testamento traduzido por Erasmo foi o primeiro a ser impresso e publicado em 1516

rano heteu foi o "Grande Rei", suserano de numerosos monarcas até o Egeu, a oeste, e até Damasco, ao sul. Por conta desse extenso Império, o nome dos heteus ficou famoso na antigüidade. Para controlar seus súditos, os monarcas heteus faziam tratados com os reis vassalos. Duas dúzias desses tratados, completos ou não, foram encontrados entre as tabuinhas de Boghazköy. Uma análise de 1931 revelou o formato básico desses acordos, proporcionando base fértil para a investigação dos tratados do Antigo Testamento.

Nas esculturas hetéias e nos selos impressos nas tabuinhas de argila, podemos ver o tipo de pictografia conhecida como hieróglifos heteus. Esses hieróglifos parecem-se com os egípcios, e os heteus talvez tenham até tomado a idéia do Egito, mas a escrita não é a mesma. Em alguns exemplos, principalmente nos selos dos reis, os hieróglifos aparecem lado a lado com os cuneiformes babilônicos para grafar nomes e títulos reais.

Usando a escrita babilônica como chave, ficaram evidentes alguns dos valores dossinais hieroglíficos. A descoberta em 1947 de

Hatusas e o Império Heteu chegaram ao fim logo depois de 1200 a.C., nos distúrbios que afligiram muitas regiões do Mediterrâneo Oriental. As tradições hetéias duraram mais. Em pequenos estados da Anatólia e do norte da Síria, reis locais continuaram a mandar fazer inscrições em hieróglifos hititas e na língua luvita até 700 a.C. Alguns desses reis talvez remontassem ao Império Heteu, enquanto outros não tinham nada de heteus. Mas, para as outras nações antigas, para os assírios e os hebreus, eles ainda eram heteus.

Na época em que o exército de Damasco fugiu de Samaria, havia um forte rei "heteu" um pouco ao norte, em Hamate, às margens do rio Orontes. Talvez representasse uma ameaça para Damasco, especialmente se aliado a outros reis. Essa é a realidade por trás do relato do historiador bíblico.

A redescoberta dos heteus é um dos resultados notáveis da arqueologia do Oriente Próximo. ■

Fonte:

MILLARD, Alan. *Descobertas dos Tempos Bíblicos*. Págs. 60 - 63. VIDA. São Paulo/SP. 1999.

# Salvo do Suicídio

por Augusto Marques de Freitas

**E**ste caso que vamos agora narrar aconteceu na cidade de Recife, capital do Estado de Pernambuco, às duas horas da madrugada do dia 08 de julho de 1989, num banco da Praça Maciel Pinheiro, no centro da citada metrópole nordestina.

Nossa narrativa se fundamenta em carta (fac-símile em página seguinte) enviada à 2ª Tesoureira do C.E. Yvonne Pereira (nessa época, com seis meses de existência).

Embora constasse no envelope o endereço do Centro, o nome da Instituição não foi mencionado pelo missivista. Tal motivo tentaremos explicar mais adiante.

Passaremos à narrativa.

No dia 17 de julho de 1989, uma segunda-feira, chegávamos, às 14h30min, ao C.E. Yvonne Pereira, para a reunião pública doutrinária das 15h. Como de hábito, a correspondência recebida dos Correios nos aguardava. Em meio a algumas cartas, uma estava endereçada à Senhora Ângela Sales Borba Rangel, nossa 2ª Tesoureira.

Somente no dia seguinte, pela manhã, nos foi possível a entrega da correspondência, isto porque quase todos os membros da Diretoria do CEYP residiam em Valença, cidade próxima, para onde só regressáramos à noite.

À tarde do mesmo dia da entrega da carta, sua portadora telefona para minha esposa. Notamos que (estávamos não muito distante do aparelho) por vários minutos imperava o silêncio, um lado como que a ouvir ponderações do outro lado da linha telefônica, parecendo-nos haver um desabafo de alguém que necessitava urgentemente ser ouvido, conforme deduções puramente nossa. Assim pensando, e também pela emoção que tomava con-

ta de minha esposa, exteriorizada em seu semblante, chegamos mesmo a nos assustar, pois algumas lágrimas podiam ser vistas descendo em seu rosto.

Ficamos sabendo depois, que D. Ângela narrava o conteúdo da tal carta, a ela enviada de Recife, e que se constituía numa súplica de um pai desesperado. Indagava a consulente o que minha esposa achava do caso. Combinaram, então, examinar mais detalhadamente





a carta, inclusive com minha participação, após o marido de D. Ângela também tomar conhecimento do fato.

A carta trazia a assinatura do cidadão H. E. V. L. (pedimos aqui para não mencionarmos o nome do missivista, por motivos óbvios), de 35 anos, casado, esposa e um casal de filhos, o menino com dois anos de idade e a menina com cinco.

Na narrativa, ele afirmava não conhecer D. Ângela, dizendo que se encontrava, na madrugada daquele dia, prestes a se suicidar, sentado em um dos bancos da Praça Maciel Pinheiro, muito deprimido, pensando em se matar, devido a extrema dificuldade financeira que assolava a sua família. Narra ele que chorava desesperadamente, quando, de repente, uma senhora bem trajada, idosa, porém muito jovial, sentou-se ao seu lado, passando-lhe a mão por sobre a cabeça, num gesto carinhoso, dizendo-lhe várias palavras de consolo e argumentando sobre as terríveis consequências que aquele ato lhe traria.

Travou-se um diálogo emocionante. Foi então que H. E. V. L. resolveu perguntar o nome daquela milagrosa senhora (ele professava a religião católica, como afirmava em sua carta) que tanto se preocupava com ele, ouvindo-lhe as queixas e lamentações, e dela obteve a seguinte resposta: "Meu nome, meu filho, é Yvonne do Amaral Pereira". A senhora concitava-o a escrever para a distante Rio das Flores, uma pequena cidade a 150 km do sul da cidade do Rio de Janeiro, fornecendo-lhe o endereço, bem como o nome do destinatário, fazendo com que ele guardasse bem



## ...passou a dormir com a mulher e o casal de filhos menores em um banco de jardim

na memória, agora livre da idéia do suicídio. Para tanto afirmou-lhe, categórica e incisivamente, que ele seria atendido em sua pretensão, a de voltar, com sua família, para a cidade de Santa Helena, no interior do Maranhão.

É que H. E. V. L. partira em direção à distante cidade de Recife, com a promessa de trabalhar numa

indústria de tintas. Lá chegando, fez um curso, com enorme dificuldade, ante o dinheiro escasso, a fim de qualificar-se para o trabalho, não prevendo ter que desembolsar qualquer quantia para esse fim. Vendera sua banca de legumes em Santa Helena, para ajudar na aquisição das passagens e Hotel, quando chegasse a Recife com sua família. Lá

## REFLEXÃO

permaneceu por dois meses e onze dias, porém, nada de ser chamado a exercer a tão esperada atividade. Começou a desesperar-se. Principalmente, quando recebeu a informação de que esperasse mais alguns meses, pois a firma não andava bem. Tentou, com farta argumentação, que lhe fosse restituída a quantia gasta, mas não obteve êxito. Em conseqüência, passou a dormir com a mulher e o casal de filhos menores em um banco de jardim, na Praça Maciel Pinheiro. Mesmo assim, não desanimava.

Buscou ser atendido pela esposa do então Governador, a qual o orientou a procurar, na LBA, a Presidente daquela Organização, que o atenderia. Esta, por sua vez, encaminhou-o, simplesmente, para a

Assembléia dos Deputados. Dali, foi despachado para a Base Aérea do Recife, sem mesmo saber por que, nada conseguindo. Mas, como a esperança é a última que morre, ou, para aqueles que têm muita fé, não chega mesmo a morrer, depois dessa belíssima trajetória, H. E. V. L., como era muito católico, pensou na salvação que demorava a chegar. Um lampejo de esperança saudou o seu coração jubiloso e de sua esposa. Resolveu, então, procurar o Bispo local, Dom José Cardoso, sendo desviado, antes e a contento, para o Padre Abrahão (não ficou bem entendida a caligrafia na carta), que tratou de impedir sua presença junto àquela autoridade católica, porém, julgando ter resolvido a questão, ao presenteá-lo com

cinquenta magros centavos, a fim de que pudesse, finalmente, comprar um pãozinho. Após agradecer, o maltrapilho H. E. V. L. seguiu seu caminho, não conseguindo nenhuma ajuda.

Afirma ele, em sua clara e incisiva carta, que jamais pensara em roubar ou mesmo matar para sobreviver. Se preciso fosse, se suicidaria, porém tirar a vida do semelhante, nunca. Preferia tirar a sua própria. Não pensava, contudo, na dramática situação que enfrentariam sua esposa e filhos com sua ausência. Assim, devaneando, deu guarida à instalação de espíritos obsessores em seu habitat psíquico, mesmo sem o saber, os quais buscaram robustecê-lo em suas idéias de suicídio, o que não realizou pela decidida intervenção e pela força moral do Espírito Yvonne do Amaral Pereira.

Desesperado, tendo deixado a esposa e o casal de filhos dormindo num banco da Praça Maciel Pinheiro, partiu, decidido, para a concretização do ato ignominioso contra si mesmo. Eram quase duas horas da manhã de 8 de julho de 1989. Foi então (continua ele contando na carta), que surgiu a senhora que se identificou como D. Yvonne, embora, até hoje, não tenha o cidadão maranhense H. E. V. L. percebido que não se tratava de pessoa encarnada, pois, na carta, ele se refere, duas vezes, "a uma mulher idosa, porém muito jovial, alegre, que transmite muita força", e diz, ainda... "D. Yvonne olhou bem dentro de meus olhos e, passando uma das mãos por sobre minha cabeça, me disse uma porção de coisas bonitas."

## ... o maltrapilho H.E.V.L. seguiu seu caminho, não conseguindo nenhuma ajuda





Para ele, aquele Espírito era apenas uma senhora "bem vestida", com um semblante irradiando felicidade contagiante, transmitindo-lhe aquele bem-estar indizível e expurgando-lhe a idéia funesta de acabar com a vida.

Respeitando a sua crença católica, o Espírito Yvonne Pereira escondera-lhe o nome da Instituição Espírita na distante cidade sul-fluminense, substituindo-o pelo nome daquela que deveria receber a carta.

Durante o diálogo com o Espírito, que ele jamais imaginava que o fosse, H. E. V. L. lembrou-se de lhe perguntar como poderia ele escrever para o endereço fornecido, se não possuía nem mesmo dinheiro para comprar papel, envelope, caneta e selar a carta. Obteve a seguinte resposta da entidade Yvonne: "Não se preocupe, meu filho: amanhã mesmo um homem vai lhe dar algum dinheiro". E ela passou-lhe, de novo, uma das mãos por sobre a cabeça. Desnecessário dizer que outra coisa não se fez por acontecer.

No dia seguinte, ainda vacilando em escrever, afirmava para consigo mesmo que, apesar de não conhecer D. Ângela, pretendia atender ao conselho daquela inesquecível e bondosa senhora que lhe salvara a vida, naquela madrugada.

Lembrou-se, então, que precisava estar com o Presidente do SUDENE (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste). Infelizmente, ou felizmente, tal pessoa se encontrava em viagem. Abrimos um parêntesis aqui, para acrescentar que o missivista, por força das circunstâncias, tornara-se, pelo menos nos momentos difíceis por que passava, destemido, corajoso, intemorato, certamente pela ajuda espiritual que estava tendo e que todos têm nessas horas, via

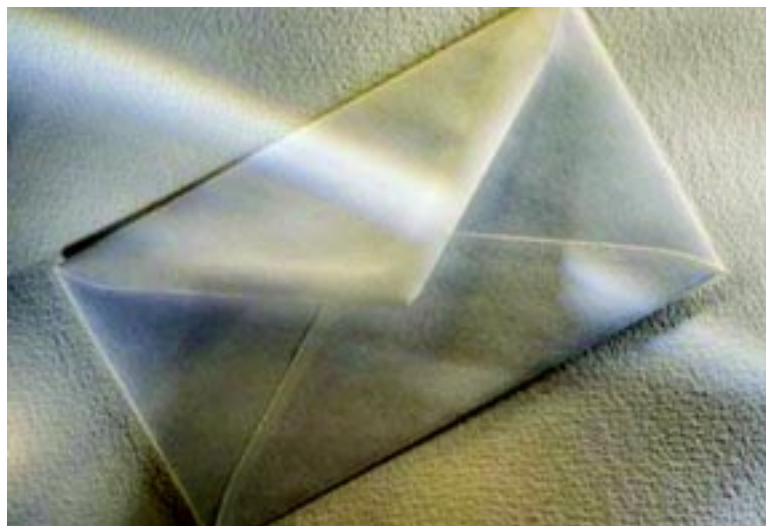
mediunidade, não recuando ante a necessidade de dialogar com pessoas importantes no âmbito humano.

Foi quando aquilo de que já havia se esquecido ocorreu, conforme deixa transparecer na carta: "(...) aí, um senhor, filho de Deus, me deu dez cruzados, para meu almoço com a família. Foi aí que me lembrei da senhora que me mandou escrever para sua pessoa, D. Ângela..."

Imediatamente, comprou uma caneta esferográfica, papel e envelope, redigindo a carta-solicitação, com certa dificuldade, pois não tinha o primário completo, solicitação essa que, uma vez atendida, propiciaria seu retorno ao Maranhão.

Analisando-o, demoradamente, ▶

**...não possuía nem mesmo dinheiro para comprar papel, envelope, caneta e selar a carta**





## REFLEXÃO

após ler e reler o documento que nos foi posteriormente encaminhado por D. Ângela, pudemos tirar dele algumas importantes conclusões, a saber:

- H. E. V. L., apesar de seus 35 anos de idade, era uma pessoa cujo grau de escolaridade (acreditamos) deixava a desejar. Talvez tivesse apenas o curso primário, se o tivesse, isso porque os inúmeros erros de português contidos na carta, bem como a própria caligrafia, denotavam uma notória dificuldade em escrever, mesmo considerando-se sua situação aflitiva. Isso posto, ao transcrevermos algumas linhas, buscamos ajustar a grafia, a fim de facilitar o entendimento de sua mensagem. Dificilmente, porém, se percebe a ausência de tais erros em mais de duas linhas consecutivas.

- Ora, isso somente concorre

para validar a veracidade de suas palavras, mesmo porque, incrivelmente, o nome da médium desencarnada que lhe aparecera, naquele momento cruciante de sua vida, foi grafado corretamente por ele Y e NN, além da contração da preposição DE com o artigo definido O, desta forma: YVONNE DO AMARAL PEREIRA.

- D. Ângela, por sua vez, afirma que jamais recebera, até então, nenhuma carta constando o seu nome completo apostro no envelope, dentre as várias que recebe, o que desta vez aconteceu.

- Apesar da dificuldade do remetente em escrever cartas, claramente demonstrava o conteúdo, mostra-nos autenticidade e até mesmo humildade, além de sinceridade, ao dizer (e aqui estamos transcrevendo conforme o registra-

do na carta): "Vou orar muito para que Jesus ilumina as cabeça dos seus amingos para nos ajudar. Si caso a senhora conseguir primeiramente Jesus li abessoa a senhora e seus amingos pois eu nuca mandar de volta esta caridade."

- Trata-se, portanto, de uma carta autêntica, bela, pura, escrita com o coração, sem os chamados rebuscamentos, inseridos nas obrigatoriedades de uma concordância verbal, conquanto inegável a concisão, precisão e clareza, ante as nobres intenções do remetente. Não se encontram nela evasivas, em que o esperançoso marido e pai de dois menores, um com três e outro com cinco anos de idade, dirigindo-se a alguém tão distante, desconhecido dele, num último recurso de salvação, solicita ajuda financeira, para retornar à sua terra natal. Devemos ressaltar que não são poucos os pedidos dessa natureza que chegam até nossas Casas Espíritas, mas que nem todos merecem aceitação. Há aqueles que demonstram um propósito desonesto. O fato é que o atendimento se fez presto.

Através de um depósito bancário, determinada quantia foi remetida por D. Ângela, que, como que avisada de algo, a enviou com acréscimo, o que valeu ao suplicante, pois, na euforia da nova esperança que surgia, nervoso, ou sem mesmo atinar a quantia certa de que necessitaria, para a compra das passagens para o retorno ao Maranhão, esquecera-se de pedir recursos que incluiriam os filhos (um deles pagava passagem). O assistido da "serva fiel do Cristo", no dizer de Chico Xavier, foi

## Através de um depósito bancário, determinada quantia foi remetida para a compra das passagens



cientificado imediatamente da providência tomada em seu favor, na terra distante do solo sul-fluminense. Em Recife, onde se encontrava, fora fácil sua localização, pois o banco ficava exatamente em frente à Praça Maciel Pinheiro, onde ele "fazia ponto".

Ele recebeu a dádiva abençoada, dirigiu-se a um telefone público e, sem esconder o seu nervosismo, porém extremamente encorajado, ligou para a agência que lhe havia remetido a quantia, após conseguir o número do telefone na agência do banco onde estivera antes. Solicitou falar com a bondosa senhora que lhe atendera o pedido feito e, após autorização do gerente, que era seu marido, lhe foi fornecido o número do telefone de D. Ângela.

Chorando, com dificuldades no falar, H. E. V. L. agradeceu à gen-

til senhora, indicada a ele pela aparição daquela inesquecível madrugada. Na carta, ele havia deliberado esperar por três quintas-feiras, para o possível atendimento; mas, na realidade, não esperou nem mesmo uma.

Prometera, também, que escreveria assim que chegasse ao Maranhão, à sua Santa Helena.

### Considerações Finais

Por que Yvonne Pereira (espírita) indicou o nome da 2ª Tesoureira do Centro Espírita que adotara o seu nome, já que D. Ângela não era elemento ativo na Instituição? Ela não participava das reuniões do Centro, por ser ainda recente nas hostes espíritas, ou mesmo devido às suas ocupações domiciliares e

profissionais. Embora acreditasse no Espiritismo, o aceitasse, não prestava, contudo, até então, nenhum serviço à Casa. Emprestara, apenas, o seu nome como 2ª Tesoureira, conforme lhe fora sugerido e com o que concordara, na esperança de que, posteriormente, acabaria se vinculando, de fato, ao Centro, como era vinculado seu marido. Além do mais, os demais membros da diretoria da Casa eram espíritas há muitos anos. Conheciam, o suficiente, as nuances de um fenômeno mediúnico de aparição tangível de um espírito. D. Ângela, não.

Uma razão muito forte, porém, fez com que ela fosse a indicada para receber a carta. Ela também possuía filhos menores, ou melhor, duas filhas: uma de dois anos e outra de cinco. Justamente as idades respectivas do casal de filhos de H. E. V. L... e os filhos dele estavam passando fome; e os dela, não. Ficou sensibilizada.

A carta levava o endereço do Centro Espírita ao qual ela não comparecia com frequência, passando a fazê-lo, daí por diante. Hoje, residindo no Rio de Janeiro, sabemos, por ela mesma, da continuidade de seus trabalhos nas hostes do Consolador, na Evangelização da criança e no uso do verbo na tribuna.

Sinceramente, Yvonne, aqui e no além, sempre sabe o que faz.... e como faz. ■

Fonte:

FREITAS, Augusto M. *Yvonne do Amaral Pereira, O Vôo de uma Alma*. Págs. 174 - 184. CELD. Rio de Janeiro/RJ.

...os filhos dele estavam passando fome; e os dela não. Ficou sensibilizada



# Crianças e suas Vidas Passadas

por Carol Bowman

**A**s rigorosas pesquisas de Ian Stevenson provaram que as lembranças das crianças são reais e naturais. Terapeutas de vidas passadas me convenceram de que essas lembranças podem curar. Mas onde estavam os pesquisadores e clínicos que trabalham com crianças? Não os en-

contrei. Então, decidi fazer minhas próprias pesquisas para confirmar que o que eu sabia era verdade - que lembranças de vidas passadas em crianças podem curar. Armada com as técnicas de regressão que aprendi com Norman Inge e Roger Woolger, e com tudo o que aprendi através de leituras, estava prepara-

da para agir, e decidi começar a fazer regressão em crianças eu mesma, para ver o que poderia descobrir.

## JOVENS EXPLORADORES

Chase, então com sete anos, treinado na exploração de vidas passadas, foi meu primeiro paciente. Certa tarde, sem alarde, perguntei-lhe se estava preparado para tentar uma regressão comigo. E ele respondeu: "Claro, por que não?" Fiz com que se deitasse na sua cama, fechasse os olhos e prestasse atenção à sua respiração. Estava ansiosa. E também estava nervosa - não pelo que pudesse acontecer, mas com a possibilidade de que nada acontecesse.

Minha apreensão desapareceu assim que vi as pálpebras de Chase palpitem. Perguntei: "O que está sentindo?" E Chase começou a me contar sobre a sua vida como escultor de madeira na Rússia, no século catorze, falando em frases curtas, típicas de quem lembra de vidas passadas. Chase desta vez se descreveu como um marceneiro de renome, conhecido em toda a região por sua inventividade e habilidade. Disse que havia criado uma estante de canto que era uma ino-

Chase começou a me contar sobre a sua vida como escultor de madeira na Rússia, no século quatorze





vação e se tornou muito conhecida, fazendo com que seus serviços fossem bastante solicitados. Mencionou que tinha uma família e era muito feliz. Mas seus pensamentos estavam concentrados em sua realização como artesão naquela vida, não nos seus relacionamentos. Morreu tranqüilamente, bem idoso, cercado pela família.

Chase ficou imóvel na cama, como já o vira ficar após sua "morte" em outra vida passada. "O que aprendeu nesta existência?", perguntei.

"Se você tem uma idéia e trabalha nela com persistência, acabará tendo sucesso". E continuou: "Como fiz sucesso, as pessoas vinham de todas as partes para me contar seus problemas e pedir minha opinião. Para mim, era fácil ajudá-las. É bom partilhar a sua sabedoria generosamente." Aquilo era uma surpreendente pérola de filosofia, vindo de uma criança de sete anos.

Chase sorriu e abriu os olhos. Sabia que tinha voltado ao presente. Quinze minutos haviam se passado. Chase disse que aquela regressão tinha sido curiosa e que as imagens de sua aldeia na Rússia eram perfeitamente claras, como se tivesse estado lá. Pedi para desenhar a estante que criara. Fechando os olhos para lembrar do que vira, desenhou uma pequena estante decorativa de canto, com um traçado curvo na parte superior e nas laterais. "Aqui está", disse orgulhosamente, dando os retoques finais na decoração da peça. E saiu correndo do quarto, dizendo por cima do ombro: "Depois a gente faz de novo."

Tinha tomado nota do que



## Disse que morreria jovem, morta por roubar comida

Chase dissera na regressão. Relendo, me perguntei se aquela lição de perseverança o marcaria e o guiaria na vida atual. A sabedoria do passado pode ser renovada pela lembrança? Que dádiva não seria se Chase pudesse começar sua vida sem ter que reaprender essas lições sobre concentração e dedicação.

Alguns dias depois, chamei Sarah para ser minha paciente seguinte. Ela entrou em transe facilmente, com uma sugestão para fechar os olhos, se concentrar na respiração e ir até uma vida passada. Sarah se viu como uma menina num lugar quente e ensolarado, com prédios de barro. Era uma órfã

que sobrevivera roubando comida e se escondendo em qualquer abrigo que pudesse encontrar, à noite. Sua sobrevivência dependia de sua rapidez e ação furtiva. Disse que morreria jovem, morta por roubar comida. Ainda em transe, não parecia triste nem perturbada por sua morte prematura. Sentia-se aliviada.

Perguntei-lhe quais tinham sido seus últimos pensamentos ao morrer: "Estou feliz por tudo estar terminado. Era muito duro. Não quero fazer isso outra vez."

Estava curiosa para saber o que estava trazendo daquela vida para a atual e perguntei: "O que aprendeu com aquela vida?"

"Que não basta correr e roubar para sobreviver. Não funciona; não podia sobreviver daquele jeito. Tenho que aprender outras habilidades para poder ter uma vida plena." Quando Sarah abriu os olhos, estava surpresa com o que havia visto. "Estou feliz por estar aqui agora", disse com um suspiro de alívio.

Como aquela vida passada de Sarah se relaciona com a atual? Ri

comigo mesma ao lembrar que Sarah é muito aplicada e prática, sempre economizando seu dinheiro. Procura sobras na geladeira, pois não suporta ver desperdício de comida. Teria sua preocupação em economizar alguma relação com essa memória inconsciente de privação? Será interessante observar como isso se refletirá na escolha de sua carreira e trabalho. Da mesma

maneira que fiz com a regressão de Chase, escrevi e guardei tudo para futuras referências.

## **OUTROS JOVENS VIAJANTES NO TEMPO**

Como já não tinha mais crianças em casa para usar como cobaia, era chegada a hora de encontrar outras crianças para a regressão. Queria ver o que aconteceria quando regredisse crianças que nunca haviam passado pelo processo. Seriam capazes de acessar suas lembranças facilmente? Caso positivo, como seriam suas lembranças? Veriam imagens ensangüentadas do passado ou vidas mansas e banais?

Havia um grupo de cerca de doze crianças, entre cinco e onze anos, disponível entre os amigos de Sarah e Chase. Seus pais viam que meus filhos eram crianças normais e bem ajustadas, e que não haviam se tornado psicóticas por vivenciarem lembranças de vidas passadas, e então permitiram que eu fizesse a regressão em seus filhos, desde que eles aceitassem. As amigas de Sarah, de dez e onze anos, estavam muito curiosas para saber como era aquilo e se tornaram excelentes pacientes.

Para começar, expliquei a cada uma das minhas voluntárias que eu acreditava que nós já havíamos vivido outras existências como pessoas diferentes e que quando relaxamos podemos nos lembrar daquelas vidas. Não houve dificuldade para as crianças aceitarem aquela possibilidade; estavam ansiosas para ver quem poderiam ter sido. Também as preparei dizendo que algumas vezes nada acontece quando tentamos nos lembrar, e que, por-

**Se lembrassem de alguma coisa que fosse dolorosa ou triste, seria a mesma coisa que ver um filme no cinema**



tanto, elas não tinham que dizer nada que não fosse verdade. Se nada tivesse acontecido, tudo bem.

Também as preparei para a possibilidade de surgir uma vida traumática. Expliquei que vivemos muitas existências e que algumas são felizes e outras não. Se lembrassem de alguma coisa que fosse dolorosa ou triste, também não haveria problema. Seria a mesma coisa que ver um filme triste ou apavorante no cinema. Quando estamos concentrados num filme, podemos rir ou chorar; mas quando o filme acaba, saímos do cinema e encontramos o sol lá fora, nos sentimos melhor e a tristeza e o medo desaparecem. Na regressão acontece a mesma coisa, expliquei.

A maioria das crianças caiu em transe facilmente, com um simples exercício de relaxamento. Como com os adultos, tão logo começaram a ver imagens, pedi que se concentrassem no seu corpo - o que calçavam, a cor da pele e dos cabelos, suas idades, o que vestiam - para que pudessem se enxergar com mais clareza. Pedi que descrevessem as redondezas - a paisagem, as construções - e que me contassem o que estavam vivenciando. Vi as pálpebras delas tremerem e seus rostos se contraírem, à medida que se concentravam em suas imagens interiores e nos seus sentimentos. Contaram as dificuldades de suas vidas e descreveram suas mortes.

Em nenhuma de suas histórias aquelas crianças tiveram que enfrentar um trauma mais severo ou uma morte violenta e difícil. Lembraram apenas de vidas normais e mortes tranquilas. Até mesmo quando passavam pela perda de um



## Um menino viu-se como um príncipe num castelo, enfrentando dragões ...

ente querido ou por um revés catastrófico, pareciam estar em paz consigo mesmas.

Atingir uma vida passada não foi difícil para a maioria das crianças, mas achei que nem sempre funcionou. Quando tentei as mesmas técnicas de regressão com crianças menores, de cinco e seis anos, nada aconteceu, exceto muita inquietação e imagens casuais. Algumas contavam fragmentos de histórias que pareciam partes de sonhos, programas de aventuras da TV, ou davam respostas que achavam que eu devia estar querendo. Mas pude perceber aquelas divagações imediatamente. As crianças contavam aquelas histórias de uma maneira coloquial, quase monótona - não no estilo de frases curtas, falando e parando, que eu já me habituara a associar às regressões a vidas passadas verdadeiras. Quando fantasiavam,

também não estavam emocionalmente envolvidas com suas histórias. A falha mais facilmente detectável é que lhes faltava, nesta hora, o fio da narrativa consistente, típico das lembranças de vidas passadas.

Uma história, por exemplo, me pareceu suspeita como um vídeo game. Um menino viu-se como um príncipe num castelo, andando por diversos corredores, entrando em vários aposentos, enfrentando dragões que surgiam das profundezas do espaço. Estava envolvido na fantasia, como ficaria se estivesse diante de um bom vídeo game. Mas faltava realismo. Em cada caso similar, quando achava que estavam fantasiando, deixava que fossem adiante e me juntava a eles. Não queria que sentissem que haviam "falhado" em nada, porque não era verdade. Não havia ninguém pre-  
judicado. ▶





## Elizabeth costumava sentar-se num jardim próximo de sua casa e conversar com "o povo das flores"

### O POVO DAS FLORES

Amanda Dickey, amiga de Sarah, estava com onze anos quando fez sua regressão, tinha vívidas recordações de uma inglesa de nome Elizabeth C. (não conseguia lembrar seu sobrenome), que viveira em Londres com a mãe e um irmão em meados do século dezenove. Elizabeth costumava sentar-se num jardim próximo de sua casa e conversar com "o povo das flores", pequenos espíritos que saíam por detrás das flores e lhe davam conselhos sempre que tinha um proble-

ma para resolver. Elizabeth escreveu histórias sobre "o povo das flores", que foram publicadas num jornal de Londres e se tornaram bastante populares. Casou-se e teve um filho. Ficou viúva cedo e emigrou para a América com o filho. Continuou a se manter escrevendo histórias, até morrer de uma doença não identificada por Amanda. Sua vida só foi marcada por um conflito irreconciliável com o irmão. Elizabeth me deixava intrigada. Seria al-

avam na Amanda de hoje, que tinha uma incrível facilidade com as palavras.

Mas, "povo das flores" - de onde teria vindo aquilo? Amanda ficara intrigada com aquele estranho detalhe. Achei que talvez fosse um fragmento de fantasia. Norman Inge me ensinara que fragmentos de fantasia, ou de experiências da vida atual, às vezes penetram na corrente das lembranças de vidas passadas porque, conforme explicou, essas lembranças são filtradas através do subconsciente, depósito de todas as lembranças arquivadas desta e de outras vidas. Não é estanque. Mas, avisou-me Norman, não deixe uma inconsistência levá-la a pensar que todo o relato é fantasia, se o resto lhe parece verdade. Avalie a história como um todo. Com Amanda, o resto da história parecia verdadeira. Então, aceitei-a como tal, não querendo jogar fora o bebê com a água do banho.

Meses depois, Amanda ganhou um concurso de redação na escola. Dei-lhe os parabéns, dizendo: "Viu, você tem esse talento oriundo do passado, não é?" Amanda olhou para mim e riu nervosamente. Ainda não estava muita segura a respeito da regressão, sobretudo sobre "o povo das flores".

Amanda e a família se mudaram para outro estado no ano seguinte. Ela e Sarah continuaram em contato, visitando-se nas férias escolares. Isso me deu a oportunidade de acompanhar seu progresso como escritora. Ela dizia que escrevia contos e poesias o tempo todo e participava da revista literária da escola. Admitiu para mim, uma vez,

que ainda pensava na sua lembrança de Elizabeth, a escritora do passado.

Quase cinco anos após sua regressão, Amanda me escreveu e o término da sua carta era muito fora do comum:

"Um incidente muito estranho me aconteceu há cerca de um ano, durante minhas férias na Inglaterra. Nunca tinha estado lá antes. No aeroporto de Londres, pegamos um táxi para o hotel. Ao passarmos pelas primeiras ruas residenciais da cidade, minha mãe fez um comentário sobre a quantidade de jardins de flores. O motorista disse que os londrinos utilizam a jardinagem como válvula de escape para as pressões das suas vidas e que ele e muitas outras pessoas costumavam falar com o povo das flores em seus jardins. Fiquei de boca aberta e meus olhos quase saíram das órbitas quando ouvi aquilo. Povo das flores, pensei. Que coincidência!"

### **NOITE NINJA**

Chase teve um problema que não conseguimos resolver. Na véspera do Ano Novo, ele foi participar de uma festa na sua academia de caratê, em que todos os alunos ficariam para dormir juntos. Aqueles eram os tempos das onipresentes Tartarugas Ninja, e as crianças brincavam com jogos Ninja, vídeos de caratê e a comida favorita das Tartarugas - pizza. Montavam túneis escuros com lençóis e cobertores para simular os esgotos em que viviam as Tartarugas. Aparentemente, Chase se divertia a valer. Mas, tarde da noite, ele ficou perturbado e não conseguiu dormir.



## **Após aquela noite, Chase passou a ter ataques de ansiedade todas as noites, na hora de dormir**

Minha amiga Amy McLaughlin, que supervisionava as crianças, não conseguia consolá-lo. Ao amanhecer, colocou-o no carro e o trouxe exausto e chorando para casa. Ele não sabia explicar o que acontecera, exceto que estava tentando dormir o mais tarde possível, quando se sentiu muito perturbado e não conseguiu pegar no sono.

Após aquela noite, Chase pas-

sou a ter ataques de ansiedade todas as noites, na hora de dormir. Sentia dores no estômago, ficava pálido e calado, e ansioso por temer não conseguir dormir. Tentamos banhos quentes, exercícios de relaxamento, música, leite quente, mas nada deu certo. Conversei com os adultos que haviam estado na festa, e me asseguraram de que nada de estranho havia aconteci-

do. Então, qual era o problema de Chase? Aquilo aconteceu durante todas as noites de seis longas semanas, começando a me preocupar. Estávamos a ponto de chamar um médico quando Chase sugeriu que tentássemos fazer uma regressão.

Esperei até a hora de dormir, quando sua ansiedade começava. Em vez de fazer um exercício de relaxamento, decidi usar seu mal-estar estomacal como ponte para o passado, como Roger Woolger me ensinara. Pedi a Chase para ficar deitado na cama e descrever o que sentia no estômago. Disse que sen-

tia uma espécie de vazio, uma sensação de mal-estar que começava no estômago, subia até a garganta e depois descia para o estômago. Perguntei se associava uma cor à esta sensação, para tentar aumentar a concentração; ele disse que era amarelo-alaranjada. Disse que não era uma sensação de doença (embora tivesse vomitado diversas vezes), mas uma sensação de vazio. Sugeri que "mantivesse a sensação de vazio."

Deu certo. Chase viu sua imagem como um adulto com as mãos amarradas numa masmorra, no que

descreveu como "tempo dos castelos." Estava muito escuro e ele se encontrava só. Seus braços, muito esticados para cima, doíam. Continuou sentindo aquela sensação no corpo enquanto contava a sua história.

Sugeri que voltasse a um tempo anterior à prisão na masmorra. Viu-se numa praça de uma aldeia, cheia de gente - um mercado. Planejava um roubo. Viu sua mão tentando pegar alguma coisa, quando foi subitamente preso. Logo depois, estava naquela masmorra escura.

Pedi que dirigisse sua atenção para as emoções. "Eu me sinto culpado pelo que fiz - estou desolado. É um desperdício uma vida terminar desta forma. Sinto a tristeza e a culpa no meu estômago. E não consigo dormir nesta posição. Morro aqui. Começo a subir pelo ar acima do castelo e da cidade. Vejo a aldeia lá embaixo. Sei que devo continuar subindo. Eu me sinto melhor."

"Há alguma coisa que precise ser dita ou feita às pessoas que deixou?", perguntei, procurando assuntos não resolvidos de alguma existência, como Woolger teria feito com um paciente no estado de pós-morte.

"Eles sabem que fui preso. Isso basta." Ele estava satisfeito com a resposta.

"Que ligação existe entre a Noite Ninja e essa existência?", perguntei, para ver se ele podia traçar um paralelo para descobrir a razão dos seus sintomas. Disse que se divertia na festa, querendo ver quanto tempo era capaz de ficar acordado, quando de repente ficou ansioso e amedrontado por não conseguir dormir. Foi então que a sensação

## Chase viu sua imagem como um adulto com as mãos amarradas numa masmorra





desagradável no seu estômago começou. Disse que a noite da festa "estava escura e estranha como a masmorra", e que foi por isso que a sensação de doença surgiu.

"Como está se sentindo agora?", perguntei, para me certificar de que não havia mais nada. Chase me abraçou dizendo que se sentia melhor. Conseguiu dormir bem aquela noite e não foi mais assaltado pela ansiedade ou pela sensação de mal-estar.

Era daquilo que eu precisava: meu entusiasmo foi renovado. Chase me ofereceu a oportunidade de usar lembranças de vidas passadas para curas de verdade, e deu certo. Ele tinha um problema real - sintomas físicos - que não conseguíamos entender nem curar. Mas utilizando a percepção dos seus sentimentos, localizamos o problema na sua fonte real no passado, que não era nada que tivesse acontecido na Noite Ninja, mas uma lembrança de uma vida passada que havia sido disparada pelos seus sentimentos naquela noite. Era um processo realmente simples. Segui a indicação de Chase e o ajudei a articular a causa do seu problema no passado. Então, com uma pequena ajuda minha, ele soube o que precisava fazer para ativar a memória. Qualquer mãe teria feito o mesmo.

### **CRIANÇAS INGLESAS RECORDAM...**

Na época da regressão de Chase causada pela Noite Ninja, fui à livraria do shopping, para ver o que havia de novo sobre vidas passadas. Encontrei, espremido entre títulos desconhecidos sobre reencarnação,

uma brochura que nunca vira: As Crianças que o Tempo Esqueceu - Chocantes relatos reais de crianças que recordam suas vidas anteriores.

O livro não revela nada sobre seus autores, Peter e Mary Harrison, exceto que são ingleses. Os casos estão bem descritos - são vinte e seis casos de lembranças espontâneas de vidas passadas de crianças inglesas. Num estilo bem livre, relatam histórias de crianças de dois e três anos de idade que, inesperadamente, contam aos seus assombrados pais suas vidas e mortes passadas.

Eu estava maravilhada. Eram casos espontâneos de uma cultura de língua inglesa, judaico-cristã, como a minha. O livro tornou o fenômeno menos exótico, mais familiar e aceitável.

Aqueles casos ocidentais eram tão incríveis e ricos em detalhes quanto aos do Dr. Stevenson, que são orientais em sua maioria. Aquele livro era a resposta aos críticos que tentam descartar os casos do Dr. Stevenson, porque provêm de culturas em que se crê na reencarnação, argumentando que, por causa da crença dos pais, as crianças são inconscientemente encorajadas a falar de vidas passadas. (Uma leitura atenta dos escritos do Dr. Stevenson afasta essas críticas.)

Nos livros dos Harrison havia famílias cristãs, que não acreditavam em reencarnação, testemunhando que seus filhos tiveram lem-



branças de vidas passadas. A maioria ficou desconcertada, se não chocada, quando as crianças começaram a dizer "na minha vida anterior" ou "quando eu morri". Como um pai afirmou: "Já tinha ouvido falar de coisas estranhas assim, mas jamais podia imaginar que fosse acontecer na minha família." Aqueles crianças certamente não foram instruídas pela família, nem souberam pela TV ou por livros de história que lembranças de vidas passadas são normais. No máximo, foi o inverso: seus pais resistiram em acreditar que seus filhos falavam sério e tentaram "fazer com que esquecessem aquilo", desejando que o estranho comportamento se dissipasse. Mas as lembranças de seus filhos persistiram, apesar da resistência. Eventualmente, foram os pais que mudaram. ■

Fonte:

BOWMAN, Carol. *Crianças e suas Vidas Passadas*. Págs. 130 - 143. SEXTANTE. Rio de Janeiro / RJ. 1999.

# Água Fluidificada

por Márcia Q. Silva Beccelli

**A**o registrar algumas passagens de sua vida, Chico Xavier, o médium que tanto admiramos, emociona-se com os fatos que o envolveram no passado e que agora se traduzem por lições e ternas lembranças.

Simultaneamente ao trabalho da psicografia, desenvolvia Chico em Pedro Leopoldo a assistência fraterna que consistia numa visita aos irmãos mais necessitados.

Os recursos materiais eram escassos e a peregrinação era realizada através de esforço e muita

## Os recursos materiais eram escassos



abnegação. Chegou, porém, um dia em que não se tinha nada para levar àqueles irmãos...

Chico sentia-se aflito, pois eram inúmeras as mulheres e crianças que aguardavam aquele encontro. Filhos da necessidade, reuniram-se para receber alguma dádiva daquele pequeno grupo do "Luís Gonzaga".

Que fazer?, indagava Chico a si mesmo. E buscou a força da oração... Ao abrir os olhos, viu um painel luminoso com os seguintes dizeres: "Eu não vos deixarei órfãos..."





Uma esperança renasceu em seu coração. Ele iria, sim, ao encontro daqueles irmãos e levaria algumas garrafas com água fluidificada, pois era a dádiva que dispunha no momento para oferecer...

Encerrada a prece com aquela pequena multidão de favelados, ele explicou a todos que a água representava o alimento que os espíritos haviam "colocado" para cada um...

E todos beberam a água fluidificada com muita fé e também com muita alegria em seus corações.

De repente, estaciona um caminhão próximo de onde eles se encontravam reunidos e um homem indaga se alguém conhecia Chico Xavier... Este se apresenta e o motorista do caminhão lhe diz que fora encarregado por um casal de fazer a entrega ao médium de uma tonelada de alimentos!

Alegria geral!

Naquele mesmo instante, o veículo é descarregado e realiza-se farta distribuição de gêneros alimentícios àquele povo, que vibra de emoção e contentamento.

Chico, radiante, recorda-se da frase que vira no painel luminoso, que lhe apresentava a visão acima da porta de seu quarto: "Eu não vos deixarei órfãos..." ■

Fonte:

XAVIER, Francisco Cândido/ CAMPOS, Humberto. Palavras do Infinito. Págs. 42-46. 2ª Ed. LAKE. São Paulo/ SP. 1936.



# Palavras de Luz

por Teresa D'Ávila / Chico Xavier



**G**rande júbilo marcou para nós a noite de 14 de outubro de 1954. Na fase terminal de nossas tarefas, o Espírito José Xavier, através dos canais psicofônicos, avisou-nos fraternalmente:

*- "Esforcemo-nos por entrelaçar pensamentos e preces, por alguns minutos, pois receberemos, na noite de hoje, a palavra, distanciada embora, de quem há sido, para muitos de nós, um anjo e uma benfeitora. Nosso grupo, em sua feição espiritual, deve permanecer atento. Neste instante, aproximar-se-á de nós, tanto quanto possível, a grande Teresa d'Ávila e, assim como um grão de areia pode, em certas situações, refletir à luz de uma estrela, nosso conjunto receber-lhe-á a mensagem de carinho e encorajamento, através de fluidos teledinâmicos. A mente do Chico está preparada agora, qual se fosse um receptor radiofônico. Repetirá, automaticamente, com certa zona cerebral mergulhada em absoluta amnésia, as palavras de luz da grande alma, cujo nome não ousarei repetir. Rogamos aos companheiros se mantenham em oração e silêncio, por mais dois a três minutos".*

Preparado o grupo, tivemos a felicidade de ouvir a nossa abnegada benfeitora espiritual, cuja mensagem falada nos atingiu os corações, como sendo sublime projeção de amor e luz.

Por muito se adiante a alma no tempo, há sempre tempo para que a alma reconsidere a estrada per-

"Há tempo de semear e tempo de colher", diz-nos a experiência da Escritura.

e o joio, até que venha a ceifa", recomendou por sua vez o Senhor.

Entretanto, a palavra de sua Sabedoria não nos inclina à indiferença. E, lembrando-a, não curamos de ser o trigo porque hoje nos vejamos fora do escuro sedimento da carne e nem insinuamos sejais vós o joio por permanecerdes dentro dela.

Recordamos simplesmente que todos trazemos ainda no campo das próprias almas o joio da ilusão e o trigo da verdade, necessitados da mercê do Celeste Cultivador.

Irmãos, não é apenas por rega-

**“Deixai crescer reunidos o trigo e o joio, até que venha a ceifa”**

corrida, abastecendo-se de esperança no amor daqueles a quem ama, assim como o viajante no mar provê a si mesmo de água doce, a fim de seguir à frente.

E, se juntos partilharmos a promessa, não seria justo olvidarmos uns aos outros no dia da realização.

"Deixai crescer reunidos o trigo



lar-se o espírito na confiança que se lhe descortinarão as portas da vida glorificada, mas sim por se lhe acendram o conhecimento e a virtude, através do trabalho bem sofrido e da caridade bem exercitada.

Outrora, buscávamos a paz na quietude do claustro, na suposição de que a vitória pudesse brilhar à distância da guerra contra as nossas próprias faltas, e disputávamos a posse do santo sepulcro do Excelso Rei, ao preço de sangue e lágrimas dos semelhantes, como se lhe não devêssemos o próprio coração por escabelo aos pés divinos.

Hoje, porém, dispomos de suficiente luz para o caminho e não seria lícito permutar o pão da sabedoria pelo fel da loucura.

Enquanto os séculos de sombra e impenitência se escoam no pó do mundo, preparaí nesse mesmo pó, erigido em tabernáculo de carne, os séculos futuros, em que nos reuniremos de novo para a exaltação do triunfo eterno.

Enalteçamos o sacrifício, aprendendo a renunciar para possuir, a perder para ganhar e a morrer para viver.

Por algum tempo ainda padeceremos o cativo das nossas culpas e transgressões, mas, em breve, aceirando o trilho escabroso e bendito da cruz, exalçaremos, diante da Majestade Divina, a nossa libertação para sempre.

Que o Senhor seja louvado. ■

*Teresa d'Ávila*

Fonte:

XAVIER, Chico. *Instruções Psicofônicas*. Págs. 151 - 153. FEB. Rio de Janeiro/RJ.

# Influências Estranhas

por Eliseu Rigonatti

**A**conteceu quando eu trabalhava nas "Oficinas Gráficas Q. Sarcinelli", no Cambuci.

Sempre fui avesso a bebidas alcoólicas. Em casa nunca as tive, com exceção dos domingos em que meu pai tomava um copo de vinho às refeições, e o resto da família, refrigerantes.

Às onze e meia saíamos para o almoço. E um grupo, sempre o mesmo, encabeçado pelo nosso gerente, Mário Léo, parava na venda da esquina, do Del Papa, para o aperitivo.

Posto que os seguisse, nunca bebi nada, apesar das insistências. Porém, um dia...

- Prove um golezinho, experimente. Vou preparar-lhe uma caipirinha que você vai gostar, bem fraquinha.

E assim Mário fez. Engoli a dose, o que se repetiu por alguns dias.

Lá pelas duas horas da tarde, o Sr. Ricardo, nosso presidente, disse-me:

- Eliseu, vá à Companhia de Linhas resolver aquele caso das etiquetas com Mr. Smith, por favor.

Obedeci. Não andei dez metros quando me assaltou um desejo incoercível de beber; meus lábios, minha língua, minha garganta ressecaram-se de sede; mas não era sede de água; eu sentia que aquela sede exigia álcool, caipirinhas, cerveja, pinga, para ser saciada.

Apressei-me a chegar à venda; lá eu mataria a sede, que mais e mais me apertava. Estuguei os pas-

**P. 459 - Os Espíritos influem sobre os nossos pensamentos e as nossas ações?**

R. - Nesse sentido a sua influência é maior do que supondes, porque muito freqüentemente são eles que vos dirigem.

*O Livro dos Espíritos - Trad. Herculano Pires*

sos. A porta do botequim se abria diante de mim.

Felizmente, antes de entrar, percebi que era a atuação de um espírito alcoólatra desencarnado. E recuando para o meio da rua, gritei alto e bom som:

## Não andei dez metros quando me assaltou um desejo incoercível de beber

-Vá beber com outro que comigo você não bebe!

A sede cessou por encanto. Os lábios, a língua, a garganta normalizaram-se. E às três horas da tarde eu sorvia um delicioso café com Mr. Smith. ■



Fonte:

RIGONATTI, Eliseu. *O Evangelho das Recordações*. Págs. 54 - 55. Pensamento. São Paulo/SP.



# Não seja a *Bola da Vez*

por Eduardo Martins

**P**rocure lembrar-se: quantas vezes nos últimos tempos você ouviu dizer que o Brasil (ou algum outro país) era a bola da vez? Ou que a notícia do pedido de empréstimo feito pelo País ao Fundo Monetário Internacional havia caído ou estourado como uma bomba nos meios econômicos? Ou ainda que tudo isso acontecera porque as nossas autoridades não souberam fazer a lição de casa?

Perdeu a conta? Esse é um mau sinal. Significa que você está diante de um dos mais perigosos vícios de quem escreve, a frase feita ou lugar-comum.

Trata-se, em geral, de uma imagem ou construção que, a princípio, pode revelar-se original, mostrar algum engenho ou criatividade. A sua repetição pela mesma pessoa ou por outras, no entanto, termina por torná-la desgastada, dando idéia de um texto superado, envelhecido, sem imaginação.

Tente responder às perguntas seguintes. Se não conseguir, nada melhor que usar uma frase feita como antídoto. Fuja das formas grifadas como o diabo da cruz:

- Por que todo segredo bem cuidado é *guardado a sete chaves*?
- Por que é sempre bom *agradar a gregos e troianos*?
- Por que uma notícia de grande repercussão é ouvida *do Oiapoque ao Chuí*?



d) Por que quem faz algo com entusiasmo está sempre *a mil* ou *age em grande estilo*?

e) Por que, num almoço entre políticos, invariavelmente *o cardápio inclui* a sucessão presidencial ou o desempenho do partido nas eleições?

f) Por que uma pessoa esquecida reaparece *depois de um longo e tenebroso inverno*?

g) Por que um profissional quer sempre *conquistar seu espaço*?

h) Por que *não se devem convidar para a mesma mesa* a atriz e o seu ex-marido ou o técnico de futebol e o atacante do clube?

i) Por que *pelo andar da carruagem* se sabe o que alguém pretende?

j) Por que se chega sempre *a um denominador comum* e não a um acordo ou conclusão?

k) Vamos encerrar esta relação com *chave de ouro*?

Bem, o **encerrar**, no caso, é um eufemismo, já que a lista não acaba nunca. Agora, se você permite uma consideração, o recurso a esses clichês e a elegância de estilo raramente andam juntos. ■

Fonte:

MARTINS, Eduardo. *Com Todas as Letras*. Pág. 39. Editora Moderna. São Paulo/SP, 1999.

# A luz segue sempre

*"E as suas palavras lhes pareciam como desvario, e não as creram."  
(Lucas, 24:11.)*

A perplexidade surgida no dia da Ressurreição do Senhor ainda é a mesma nos tempos que passam, sempre que a natureza divina e invisível ao olhar comum dos homens manifesta suas gloriosas mensagens.

As mulheres devotadas, que se foram em romaria de amor ao túmulo do Mestre, sempre encontraram sucessores. Todavia, são muito raros os Pedros que se dispõem a levantar para a averiguação da verdade.

Em todos os tempos, os transmissores de notícias de além-túmulo peregrinaram na Terra, quanto hoje.

As escolas religiosas deturpadas, porém, somente em raras ocasiões aceitaram o valioso concurso que se lhes oferecia.

Nas épocas passadas, todos os instrumentos da revelação espiritual, com raras exceções, foram categorizados como bruxos, queimados na praça pública, e, ainda hoje, são tidos por dementes, visionários e feiticeiros. É que a maioria dos companheiros de jornada humana vivem agarrados aos inferiores interesses de alguns momentos e as palavras da verdade imoralista sempre lhes pareceram consumado desvario. Entregues ao efêmero, não crêem na expansão da vida, dentro do infinito e da eternidade, mas a luz da Ressurreição prossegue sempre, inspirando seus missionários ainda incompreendidos.



**Chico Xavier - Emmanuel**  
*Vinha de Luz*